

MARX, ENGELS, GRAMSCI E FREIRE: A PRAXIS E A EDUCAÇÃO POPULAR

CARDOSO, Luciano Lucas – FINOM – lucianolucascardoso@yahoo.com.br

GONTIJO, Fábio de Brito – FINOM – fbgontijo@hotmail.com

ET: Educação Popular, diversidade cultural e construção de saberes / nº 03.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo traçar um paralelo entre o intelectual engajado nas lutas operárias, de acordo com a vivência de Marx e Engels; o intelectual orgânico, visto por Gramsci, como sendo aquele que se conecta às lutas políticas dos subalternos; e, por último, o intelectual militante, engajado e orgânico, o homem da *práxis*, o intelectual visto por Paulo Freire.

Este estudo se faz mediante uma análise bibliográfica de algumas das diversas obras produzidas pelos intelectuais em questão.

2. Marx e Engels: o intelectual engajado

Quando Marx e Engels escreviam a “Ideologia Alemã”, em 1845, o mundo das ordens não mais existia. Na Europa, a intensa atividade nas fábricas e a agitação política revolucionavam as relações sociais, provando que a sociedade podia ser recriada pela iniciativa e a audácia de diferentes protagonistas. Assim, em contraposição à burguesia instalada nos centros de poder, também irrompiam no cenário da história classes organizadas de trabalhadores que carregavam aspirações próprias e lutavam por um outro projeto de sociedade.

Os intelectuais, em tal contexto, não podiam se limitar mais ao mundo das idéias e das palavras. Dessa forma, enquanto lançava suas críticas ao idealismo abstrato, ao positivismo cientificista e ao materialismo vulgar, Marx mostrava, com seu envolvimento nas lutas operárias, que estava despontando um outro tipo de intelectual: um ser, ao mesmo tempo, cientista, crítico e revolucionário.

Nascia, então, a filosofia da *práxis*. E, com ela, novos intelectuais politicamente compromissados com o próprio grupo social para fazer e escrever a história e, por isso, capazes de refletir sobre o entrelaçamento da produção material com as controvertidas práticas da reprodução simbólica.

Mais do que elucubrações mentais, agora se fazia necessário conhecer o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação encobertos pela ideologia dominante e os enfrentamentos das classes na disputa pelo poder. Com isso, os intelectuais não podiam se esconder atrás da neutralidade científica e ficar alheios às contradições de seu tempo. Eram impelidos a se definir nos conflitos da história e a tomar partido.

A própria ciência descobria-se envolvida nessas vicissitudes. Para entender em profundidade os problemas humanos e sociais, de fato, os intelectuais precisavam estar sintonizados com as dinâmicas sociais, políticas e econômicas do seu tempo. Por isso, ao mesmo tempo em que Marx procurava desvendar os mecanismos de acumulação de capital, defronta-se com os Philosophes que continuavam acreditar em mudar o mundo só pelo pensamento e pelas atividades da consciência. (MARX & ENGELS, 1998)

Marx estava convencido, de fato, que as classes desapropriadas e os povos saqueados possuíam a inteligência “objetiva”, o ponto de vista mais concreto e radical proveniente da violência sofrida, do trabalho alienado, das necessidades elementares desatendidas, das relações sociais e humanas dissolvidas. (MARX, 1978)

3. Gramsci: o intelectual orgânico

Desde que havia sido desencadeada, a nova concepção de mundo inaugurada por Marx, tinha municiado muitas organizações operárias e inspirado diversos intelectuais e políticos. Em sintonia com essa visão, Gramsci, em sua época, também acreditava que a compreensão de si mesmo e das contradições da sociedade acontecem pela inserção ativa nos embates hegemônicos. Por isso, aprofunda a estreita ligação entre intelectuais, política e classe social, mostrando que a filosofia, tal como a educação, deve tornar-se práxis política para continuar a ser filosofia e educação. (GRAMSCI, 1975)

Consciente da centralidade dos intelectuais no mundo contemporâneo, Gramsci reserva a essa questão um espaço significativo em seus escritos. Ao vivenciar como poucos a nova figura do intelectual militante, capta as complexas dinâmicas da expansão da sociedade civil, que vinha ampliando de forma inédita a expressões intelectuais na “superestrutura”. Gramsci valoriza com singularidade o poder popular, defende a socialização do conhecimento e recria a função dos

intelectuais, conectando-os às lutas políticas dos subalternos. (GRAMSCI, 1975)

Gramsci apresenta os intelectuais intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção. Toda a aglutinação em torno de um processo econômico precisa de seus intelectuais para se apresentar também como um projeto específico de sociedade.

Todo grupo social, ao nascer do terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria também, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que conferem homogeneidade e consciência da própria função não apenas no campo econômico, como também no social e político: o empresário capitalista gera consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc. (GRAMSCI, 1975, p. 1513)

Desta forma, surge a designação de “intelectuais orgânicos” distintos dos intelectuais tradicionais. Estes, para Gramsci, eram basicamente os intelectuais ainda presos a uma formação socioeconômica superada. Esses intelectuais tradicionais ficavam espalhados dentro de um mundo antiquado, permaneciam fechados em abstratos exercícios cerebrais, eruditos e enciclopédicos até, mas alheios às questões centrais da própria história. Fora do próprio tempo, os intelectuais tradicionais consideram-se independentes, acima das classes e das vicissitudes do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com seu saber livresco. A sua neutralidade e o seu distanciamento, na verdade, os tornavam incapazes de compreender o conjunto do sistema da produção e das lutas hegemônicas, onde fervia o jogo decisivo do poder econômico e político. Com isso, acabavam sendo excluídos não apenas dos avanços da ciência, mas também das transformações em curso na própria vida real.

Os intelectuais orgânicos, ao contrário, são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais orgânicos se interligam a um grupo global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a conformação das massas no nível de produção material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a

exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam. (GRAMSCI, 1975)

Assim, as idéias de Gramsci passam a fundamentar a formação dos novos intelectuais na práxis hegemônica dos subalternos, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar uma outra filosofia e uma outra política capazes de promover a superação de poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular.

4. Paulo Freire: o homem da ação e reflexão

Para Sartre (1994) muitos intelectuais, nos últimos tempos, em sintonia com o marxismo e pela influência proveniente de Gramsci, chegaram a se engajar em partidos dos trabalhadores, em movimentos populares, mobilizaram lutas pela independência dos povos colonizados, pela libertação das ditaduras e pela democratização dos direitos sociais.

Desta maneira, Paulo Freire, com seu contextualizado conhecimento empírico, destaca-se pelo trabalho na área da educação popular, focado tanto na escolarização quanto na formação da consciência política, não destoava dos ensinamentos de Marx e Gramsci. Sua atuação como educador e militante engajado, e até mesmo orgânico, despertou a ira de diversos dirigentes políticos brasileiros: foi perseguido pela ditadura militar que tomou o poder no início dos anos 60, levando-o a exilar-se em diversos países.

Negando-se a sucumbir-se ao fatalismo, Paulo Freire afirma ser um esperançoso não por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Porém, mesmo reconhecendo-se esperançoso, Paulo Freire não atribui à sua esperança ao poder de transformar a realidade e, assim, convencido, parte para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais. Ciente de que sua esperança não basta, considera-a necessária, porém, insuficiente: ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. (FREIRE, 1992)

Paulo Freire ainda destaca, neste processo, que: pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. [...]. (FREIRE, 1992, p. 10-11)

Referindo-se à democratização da cultura, o educador pernambucano afirma:

Experimentáramos métodos, técnicas, processos de comunicação. Superamos procedimentos. Nunca, porém, abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para eles. [...]. (FREIRE, 2001, p. 110)

A pedagogia de Paulo Freire, no que tange especificamente à relação social educativa, possibilitou uma reflexão e ação junto aos mais pobres e excluídos da sociedade, como afirma Graciani (2006) em sua obra:

foi esta relação social educativa que permitiu aos pobres tornarem-se sujeitos políticos, pois para Paulo Freire, toda educação é um ato político. Os excluídos contribuíram com a sua pedagogia própria, suas crenças, valores, e principalmente histórias de migração, de subsistência e sobrevivência em territórios áridos [...]. (GRACIANI, 2006)

Paulo Freire, sem dúvida alguma, é o grande nome da educação popular no Brasil. Freire é o homem da Pedagogia do Oprimido, da Pedagogia da Libertação e de tantas outras pedagogias, que refletem o intelectual da *práxis* educativa e política que ainda serve de exemplo para muitos homens de ação e reflexão.

5. Considerações Finais

É bastante clara e óbvia a relação seqüencial existente entre o pensamento de Marx, Engels, Gramsci e Freire. Cada um a seu tempo, valendo-se de princípios similares, contribuiu para o desenvolvimento da Educação Popular como instrumento de libertação dos oprimidos frente aos opressores.

A ação e reflexão do homem da *práxis*, do intelectual engajado e orgânico, são nitidamente destacadas nas diversas obras dos ilustres intelectuais aqui estudados, o que os coloca como vértices da educação popular mundial.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2001.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social: impasses, desafios e perspectivas em construção**. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000920060>. Acesso em: 08/10/2011.

GRAMSCI, A. **Quaderni del cárcere**. Turim: Einaudi, 1975.

MARX, K. **II capitale**. Roma: Riunitri, 1978.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SARTRE, J. P. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.